

APRESENTAÇÃO

REGINALDO SOUZA SANTOS*
FÁBIO GUEDES GOMES†

Começamos o ano de 2019 como terminamos o de 2018: sem muita perspectiva. Tudo indica que os preceitos neoliberais, os quais guiam os nossos destinos há exatos quarenta anos, continuarão a orientar as ações do novo governo, agora de forma desavergonhada e radical. A razão é simples; quem vai comandar a economia (agora um ministério muito fortalecido) é uma pessoa sem muito lustro acadêmico ou intelectual, mas com uma folha de tarefas enorme prestada ao sistema financeiro e com um apetite desmedido para ganhar dinheiro sempre à custa das camadas miserável, pobre e média deste País – essa é a trajetória profissional desse obscuro Paulo Guedes que está à frente do Ministério da Economia do Brasil.

Sua tarefa ficará tanto mais facilitada por conta da fragilidade política (compreensível) e intelectual (por preguiça de exercitar o trabalho de ler e arrogância da ignorância) das lideranças políticas da oposição e dos trabalhadores. Do pessoal que vive dos “negócios” não se deve esperar qualquer reação, pois essa política só está vigorando por todo esse tempo porque também conta com o financiamento generoso desse grupo.

Apesar da fraca oposição acadêmica, alguns bolsões da resistência são encontrados em diferentes espaços deste do território nacional. Sendo

* Doutor em Economia pela Unicamp, bolsista DCR do CNPq/Fapeal/Ufal e professor do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Ufba.

† Doutor em Administração pela Escola de Administração da Ufba, professor das Pós-Graduações em Economia Aplicada e em Propriedade Intelectual e Transferências de Tecnologia para Inovação, Universidade Federal de Alagoas.

um deles a REBAP, que nesses 11 anos tem buscado trazer ao público em geral uma análise interpretativa e normativa da realidade brasileira.

Assim, este número abre com os artigos de Ives Tavares e Fábio Aguiar, tratando da concepção da Administração Política para o desenvolvimento territorial, e Kelly Medeiros, que aborda a relevância do projeto social para o desenvolvimento pessoal. Em seguida, temos o texto que trata do trabalho na contemporaneidade, abordando a problemática da administração de recursos humanos e a consciência de classe, de Deise Ferraz, defendendo a tese de que a especialização da força de trabalho cria obstáculo à tomada de consciência dos trabalhadores de uma classe em si e para si. Na sequência temos o texto escrito por Neomar Santana, Elizabeth Matos e Mônica Ribeiro, que realiza uma discussão sobre as aproximações teórico-analíticas entre os conceitos de gestão e gestão social à luz da administração política, com o propósito de suprirem uma lacuna existente na formação graduada no que se refere à definição dos conceitos de administração, gestão e gerência, articulando com a nova abordagem de gestão social. Continuamos com um debate sobre a ressignificação do papel dos sindicatos na contribuição para a inovação tecnológica, dos autores Adilson Sampaio, Wandilson Lima e Robson Souza, que reflete sobre a recente Reforma Trabalhista à luz do conceito de progresso técnico poupador de mão de obra, de David Ricardo.

Fechando esta edição temos duas novidades, um referente ao texto de André Viterbo e Fernando Azevedo com um título bem sugestivo: *Do Réis ao Bitcoin*, no qual se analisa desde a origem das moedas até o aparecimento das Criptomoedas, entre elas o Bitcoin, vista como um problema para o sistema monetário estabelecido no capitalismo e outros sistemas de organização social. Por fim, temos o oportuníssimo artigo de Diego Pugliesi e Fátima Maia, revisitando a questão das privatizações no Brasil, mostrando a necessidade de ser resgatada em função do debate sobre o projeto nacional que também anda esquecido; mas também em função da radicalização de mais privatização do atual governo sem se discutir o que de positivo e, sobretudo de negativo as privatizações anteriores trouxeram para as contas públicas do País – a grande justificativa era que trariam alívio no déficit público, mas, de lá até os dias de hoje, a dívida só fez

aumentar sem que esse aumento implicasse no aumento da riqueza da sociedade; ao contrário, em muitos aspectos houve uma despatrimonialização social. Uma discussão necessária a ser retomada, além de urgente.

Reginaldo Souza Santos
Fábio Guedes Gomes
Diretores